

PRESERVAR PARA RESSIGNIFICAR: O CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE COMO REGISTRO DE MEMÓRIAS

Diêgo Luís Rocio Cruz Farias¹

Igor Fonseca De Oliveira²

Cristiane Santos Souza³

RESUMO

Esse trabalho é fruto das atividades de pesquisa junto ao grupo de pesquisa “Mapeamento, conservação e difusão dos acervos documentais e orais dos municípios do Recôncavo Baiano”. O recorte feito aqui é desde dezembro de 2018, com umas dos primeiros diálogos do projeto com o Convento de Santo Antônio, objetivando contribuir com os conhecimentos e ferramentas existentes na universidade para com a comunidade, assim como aprender com as vivências existentes em São Francisco do conde. Essa experiência possibilitou uma compreensão ímpar de se fazer ciência enfatizando o respeito com o campo de pesquisa, assim como possibilitou a criação e alimentação do site junto ao projeto para a difusão das memórias do Recôncavo Baiano.

Palavras-chave: Memória Recôncavo Baiano Pesquisa Respeito .

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos MALÊS, Discente, diego_luis335@hotmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras- Campus dos Malês, Docente, igoroliveira@unilab.edu.br²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos MALÊS, Docente, criskasouza@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

O projeto “Mapeamento, conservação e difusão dos acervos documentais e orais dos municípios do Recôncavo Baiano”, com desenvolvimento de atividades preliminares nos municípios de Candeias, São Francisco do Conde e Maragogipe, faz parte de um conjunto de ações coordenadas pelo Grupo de pesquisa Processos Sociais, Memórias e Narrativas Brasil/África. Entre as suas ações, registra-se a preocupação em difundir as memórias que configuram a história do Recôncavo Baiano a partir da recuperação e organização de acervos, arquivos documentais e orais, produções gráficas e audiovisuais do território e, posteriormente, da mesma forma, a produção de material e outros instrumentos didáticos que possam contribuir para os processos de formação nas escolas dos municípios da região e na formação dos gestores públicos, especialmente aqueles que trabalham nas áreas de cultura e patrimônio.

O objetivo do projeto é registrar e difundir as memórias que configuram a história do Recôncavo Baiano a partir do resgate e restauro de acervos, arquivos documentais, produções gráficas e audiovisuais do território e, da mesma forma, contribuir para a produção de material e outros instrumentos didáticos que possam contribuir para os processos de formação nas escolas dos municípios da região e na formação dos gestores públicos, especialmente aqueles que trabalham nas áreas de cultura e patrimônio para mapear, sistematizar, digitalizar e salvaguardar os documentos físicos e orais no intuito de Valorizar a história e a memória da população local e difundir contribuindo com o ensino e visibilizando a memória das comunidades do Recôncavo Baiano

METODOLOGIA

As atividades executadas estão dando sequência às atividades realizadas durante o projeto identificado enquanto PVH743, vinculado a FAPESB, o qual desenvolvo desde o mês de outubro de 2018, Edital 05/2018. Para o desenvolvimento do “Mapeamento, conservação e difusão dos acervos documentais e orais do Recôncavo Baiano” contamos com a participação da professora e historiadora social Clícea Maria Augusto de Miranda e do professor Igor Oliveira, historiador social, que trazem suas experiências com arquivos, acervos, registros documentais, fontes e documentos textuais em pesquisas históricas para fortalecer e fomentar todo o processo que constitui a elaboração e execução desta pesquisa, assumindo conjuntamente com a professora Cristiane Souza a coordenação deste projeto, o qual sou bolsista através do fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Também contamos com a colaboração de Beatriz Borges, mestranda do curso de pós graduação em cultura e sociedade da Universidade Federal da Bahia. A colaboradora Beatriz Borges já atuou enquanto bolsista deste projeto em sua graduação em Licenciatura em Ciências Sociais na UNILAB. Também houve a participação do bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), Mateus Lago que ficou até setembro de 2019.

A interação com múltiplas instituições, em particular o Convento de Santo Antonio em São Francisco do Conde, a qual será melhor descrita ao longo do texto, e as atividades proporcionaram aos integrantes do projeto uma experiência que auxilia na execução e descobertas de novas possibilidades de atuação e incremento na construção argumentativa da permanência do projeto e seu prolongamento, devido sua importância para o registro histórico, memorial e cultural dos documentos e oralidades que resistem ao tempo e espaço.

A igreja e convento de Santo Antônio em São Francisco do Conde é umas das construções realizadas pelos franciscanos no Nordeste, as quais são marcadas pela proximidade com as comunidades não apenas pelas contribuições dos fiéis, mas também pela participação e trabalhos voluntários entre igreja e comunidade. Sua primeira versão teve o início de sua construção datada em 1618, ainda como uma capela. Na época, a cidade atual ainda era conhecida como Vila de São Francisco do Conde. A construção da capela se findou em 1636,



juntamente com um hospício em seu terreno. Em 1639 iniciou as obras da capela-mor. Em 24 de fevereiro de 1649 as obras foram finalizadas. Possivelmente foi no final do século XVII que o convento passou a ser considerado da ordem terceira franciscana.

No dia 15 de fevereiro de 1718, devido ao aumento dos fiéis, iniciou sua ampliação, colocando a baixo tudo que havia sido construído e se erguendo a preciosa arquitetura que podemos vislumbrar nos dias atuais. Em 25 de março de 1722, houve a missa de inauguração da nova igreja e nesse mesmo século a igreja foi revestida por 24 painéis em azulejos azuis contando um pouco da história e milagres de Santo Antônio, observando-se a arquitetura barroca da igreja, com uma pintura ilusionista e estrutura demarcada da ordem franciscana. Até o século XVIII conta-se sobre os grandes momentos vividos pela comunidade no terreno do convento, a ordem recebia altas contribuições dos senhores de engenho e de suas esposas, houveram diversas celebrações reuniões e festas, algumas com os jovens ricos, se enquadrando ou não como religiosas. Porém o século XIX foi marcado pela queda da ordem que aos poucos foi perdendo seus seguidores, houveram várias tentativas de se organizarem mas sem sucesso, e no início do século XX se findou a existência da Ordem Terceira da Vila de São Francisco do conde.

Em 1907 o convento foi transformado em uma escola, durante as reformas, em 1908, chegou-se a encontrar a base da estrutura de um teatro que era utilizado para celebrações, mas só voltou à sua configuração anterior de convento em 1909. Em 1910 deu-se início a reforma da marcenaria, o altar só foi finalizado em 1911. Em 1916 houve mais uma tentativa de abrir o colégio, porém com poucos alunos e muitas desistências em 1918 teve que ser fechado novamente. E em 2017 a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no campus Malês em São Francisco do Conde, através das pessoas que integram o projeto de "Mapeamento, registro e difusão dos acervos documentais e orais do Recôncavo Baiano", passam a trilhar e construir laços juntos com toda essa história que registra em sua arquitetura as memórias de várias histórias que se inter cruzam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em outubro de 2018 passei a integrar a equipe do projeto e no dia 16 de janeiro de 2019 comecei a respirar as memórias da igreja e do convento Santo Antônio de São Francisco do Conde. Meu primeiro contato foi com uma das recepcionistas, havia duas mulheres extremamente educadas, no dia uma delas que falava de forma séria, mas que brincava com as palavras enquanto me apresentava brevemente sobre o convento e sobre a agenda do Frei responsável. não parava de pensar que as pessoas ali presente estavam tecendo histórias que haviam iniciado em 1618. Com essa recepcionista tive meu principal contato com o convento por praticamente um mês, até que no dia 19 de fevereiro de 2019 quando o Frei me apresentou o convento, primeiro sentei e o aguardei terminar seu atendimento com três fiéis ali presentes, cumprimentei um outro frei que passava no momento e ia em direção ao andar superior.

Quando os atendimentos acabaram, entrei para conversar com o Frei. Em sua sala havia duas mesas, uma de escritório e outra comum, como as de jantar, mas logo reparei em várias imagens de santos, pois algumas eram quase de dois metros, todas juntas perto da janela, de frente a parede da janela estavam os documentos mais antigos, assim me explicou e me mostrou o Frei. Alguns documentos pareciam que iriam se tornar poeira na minha mão de iniciante.

Ao findar dessa primeira parte, perguntei se eu poderia conhecer um pouco o interior do convento e da igreja, sem excitar e com a maior disposição me levou para fazer uma viagem ao longo do tempo. Me apresentou o jardim, caminhamos pelos corredores até chegar a porta lateral da igreja, entramos na nave e pisamos sobre os restos mortais da nobreza colonial, pois estes ficam abaixo do piso da igreja, próximo ao



altar. Os altares mesmos despedaçando pelo tempo e recobertos pelos excrementos dos morcegos ainda demonstravam sua beleza artísticas do tempo de outrora de quando a terceira ordem vivia seus mais belos e vindouros anos.

Saímos, eu conheci primeiro a sala que futuramente iríamos desenvolver as atividades. Ele me mostrou o confessionário do século XVII que está encostado em uma parede para tentar escapar das goteiras, mas o chão estava alagado. Conheci uma outra sala que ainda guarda diversas imagens de diversos momentos da história do convento, vários armários, objetos utilizados no cotidiano religioso, mais goteiras e excrementos dos morcegos. Sentia sempre um entusiasmo na voz do Frei ao falar sobre toda aquela arquitetura, objetos carregados de símbolos e signos e vivência religiosa. Porém a seriedade em alguns momentos tentava disfarçar, sem sucesso, a tristeza da realidade ali apresentada

Seguimos nosso passeio, passei por um portão de madeira que ficava ao lado da última sala, subimos as escadarias em madeira maciça já desgastada, esta era a ligação da igreja com as outras instalações do convento. Olhei a igreja pelas “janelinhas” que era utilizadas para as pessoas assistirem as missas. Seguimos e novamente havia uma outra escadaria, essa o tempo tinha deixado quase em pedaços e a falta de investimentos para preservar tinha maltratado muito mais. Chegamos a parte superior da Igreja, a vista da nave por esse ângulo é exuberante, havia uma curiosa porta que dava para a outra instalação do terreno da igreja sem uma escada ou uma proteção, apenas a porta que se abria por dentro para observar o que acontecia lá fora, como uma janela, era lá que ficavam os estudantes, em outros tempos os pacientes do hospício, em outros tempos as pessoas da APAE em outros tempos era lá que aconteciam as festas.

Voltamos e seguimos os corredores, conheci uma pequena capela que os Freis fazem suas orações, o quarto de um deles junto com a vista para o mangue, as bananeiras e um pequeno pedaço da baía de todos os santos. Com alegria ele ia me contando brevemente sua trajetória, me mostrou uma peça, acreditando ser do século XV, de Cristo na cruz, que ele havia resgatado antes de ir para o lixo e mandou restaurar. Depois fui convidado para almoçar, descansamos um pouco ouvindo as histórias de vida deles, mas o passeio pela história já estava chegando ao fim, afinal, novas histórias precisavam ser traçadas.

Já no início das atividades, dividimos as documentações em caixas de arquivo-morto para tentar ressuscitar as memórias em forma cronológica e em caráter de tipo de documentação. As envolvemos em papel padeira e as enlaçamos com barbante. Criamos uma ficha de arquivo para que estes fossem abertos apenas se fossem necessários. Infelizmente a pandemia não nos permitiu revisar o trabalho cuidadoso que fomos fazendo e nem organizá-las em um local ou um modo fixo, mas apesar de estarem agora mais seguras, preservando para que o tempo não as maltrate tanto, ainda iremos retornar para assegurar uma finalização eficiente dessa documentação.

É importante ressaltar que cuidamos apenas das documentações mais antigas, as do século XVII até meados do séculos XIX. Ainda existe um vasto acervo que também precisa desses cuidados para prevenir futuros desgostos, mas esse foi um primeiro passo para uma nova história. Preservar a documentação eclesiástica é podermos voltar no tempo através dos papéis, compreender o que nos formou a nível nacional.

Em 2020 cuidamos mais da parte de digitalização, construção e finalização do Site e em 2021 durante a comemoração dos 10 anos da UNILAB, na qual realizamos o lançamento oficial no dia 22 de Abril de 2021. Por este motivo é que se faz necessário preservar a memória do Recôncavo, enquanto território e identidades contra-hegemônicas que sobrevivem por meio de suas plurais expressões. Enfatizar essa preservação é falar de direito, direito de saber e conhecer, direito de permitir se experimentar enquanto um ser que conhece sua história, o qual buscará não repetir as políticas desumanizadas. Por esse motivo é que devemos continuar registrando as memórias e histórias documentais e orais do Recôncavo Baiano. Seja do convento de Santo Antônio em São Francisco do Conde, como realizamos. Atualmente estamos tratando as imagens coletadas



para alimentarmos o site e na construção deste propriamente dito para o lançamento na comemoração de 10 anos da Unilab, com data ainda a ser escolhida.

CONCLUSÕES

É a partir desse encontro que os laços entre a Igreja e o Convento Santo Antônio com a Unilab, através do projeto de Mapeamento Registro e Difusão do Recôncavo Baiano, se forma, pois em julho de 2019 conseguimos fazer nossa primeira reunião em conjunto nas instalações. Conseguimos planejar as atividades a serem traçadas tanto do tratamento da documentação pelo projeto, quanto das atividades desenvolvidas na turma de laboratório de história do curso de licenciatura em história da UNILAB. Todos os dias novas descobertas eram feitas, seja na forma realizar as atividades ou no formato de arquivamento dessa documentação.

A colaboração dos discentes de história foi fundamental para finalizarmos essa primeira etapa de tratamento e da digitalização e arquivamento da documentação eclesiástica. Essas documentações foram digitalizadas tanto por uma Scanner quanto por celular, respeitando uma unidade em cada tipo de arquivo, para que as imagens não saíssem diferentes. Ao entrar em contato com a documentação eclesiástica observamos a necessidade de um tratamento e arquivamento adequado a partir de nossas condições limitadas de recursos cuidando para que não fossem danificadas, retirando o pó que o tempo foi atraindo, as marcas de ferrugens que a oxidação que algumas peças de metais deixaram marcadas nos papéis que contavam histórias da administração religiosa. Lamentamos pelos papéis deteriorados pelos insetos que os utilizavam como alimentos.

É necessário ressaltar a importância do tratamento digno dentro da pesquisa com todos os agentes e campo envolvido a partir de tudo que expus aqui, já que a pesquisa também é uma relação humana, e como tal o respeito seja direcionado para as pessoas envolvidas ou objetos, como o documentos eclesiásticos, também merecem por parte de quem adentra espaços que não o pertencem, mas que desejam contribuir junto com os envolvidos no campo, principalmente da área de humanas, com a difusão das memórias ali contidas. A pesquisa é uma expressão da relação humana com um grande caráter subjetivo, mesmo que no ato das publicações exige-se uma maior objetividade. Existem vidas no campo que não podem ser objetificadas, seja em um pedaço de papel representado pela memória, nas paredes marcadas pela história ou nas vidas de quem contribui com a conclusão das pesquisas feitas nas universidades.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente a comunidade de São Francisco do conde, na qual está instalada a UNILAB-Campus dos malês, por possibilitar que experiências únicas de construção de resistência teórica e prática estejam sendo tecidas a partir dessa relação. Agradeço aos defensores e responsáveis pela Igreja e convento de Santo Antônio nesta mesma cidade por acolher com tato afeto e confiança as pessoas que compõem esse projeto de mapeamento. Não podia deixar de ressaltar também que sou imensamente grato a equipe como um todo, por me auxiliar na minha formação enquanto pesquisador ativo e sensível às causas político-sociais tanto na esfera profissional, quanto pessoal. Agradeço imensamente a instituição de fomento FAPESB, por essa parceria com a UNILAB, o que possibilitou meu primeiro caminhar pela pesquisa com o campo.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ubiratan Castro. A Baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente. *Bahia Análise & Dados*. Salvador: SEI. v. 9, no 4, pp. 10-23, 2000.
- AZEVEDO, Paulo Ormindo de. Recôncavo: território, urbanização e Arquitetura. In: CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima, PEREIRA, Cláudio (Orgs.). *Baía de Todos os Santos: aspectos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- BRANDÃO, Maria David de Azevedo Rebouças. *Os vários recôncavos e seus riscos*. 2007.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME. Versão Final. Disponível em: acesso em: 29 de janeiro de 2020
- BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras Do Método Sociológico*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2007
- FRAGA FILHO, Walter. Histórias e reminiscências da morte de um senhor de engenho no Recôncavo. *Afro-Ásia*, n. 24, 2017.
- _____. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no recôncavo baiano após a Abolição. *Cadernos AEL*, v.14,n.26, 2009.
- _____. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1890- 1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Um Recôncavo, dois sertões e vários mocambos: quilombos na capitania da Bahia (1575-1808)*. Campinas/SP,1995.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy; (org.). *Brasil Século XXI: por uma Nova Regionalização? Agentes, Processos e Escalas*. São Paulo: Max Limonad, p. 173-193. 2004.
- WAN-DALL JÚNIOR, Osnildo Adão. Patrimonialização do caos: as ruínas da bahia de todos os santos. *PROA Revista de Antropologia e Arte*, v. 1, n. 7, 2017.
- MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.2, p. 31-60, 1999. Disponível em: OLIVEIRA, Ana Paula de; ALBUQUERQUE, Claudia Lima de. *Um panorama do Recôncavo Baiano: sociedade, economia e cultura. Narradores do Recôncavo*. Salvador: UNEB, 2011.
- PARÉS, Luis Nicolau. *O processo de criouliização no recôncavo baiano (1750-1800)*. 2005.
- QUIRING-ZOCHE, Rosemarie. Luta religiosa ou luta política? O levante dos malês da Bahia segundo uma fonte islâmica. *Afro-Ásia*, n. 19-20, 2017.
- REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, v. 2, n. 3, p. 7-33, 1996.
- _____. João José. Recôncavo rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos. *Afro-Ásia*, n. 15, 2017.
- SANSONE, Livio. Negritude, memória da África e o contraponto baiano do açúcar e do petróleo. In: *Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades / Livio Sansone, organizador*. - Salvador: EDUFBA, 2012.
- _____. Desigualdades duráveis, relações raciais e modernidade no Recôncavo: o caso de São Francisco do Conde. In: Pereira, Cláudio Luiz & SANSONE, Lívio (Orgs.). *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EDUFBA, 2007.



SANTOS, Edmar Ferreira. O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). Recôncavo da Bahia sociedade e economia em transição. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

SOUZA, Cristiane Santos. Trajetória de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana. 2013. Tese (doutorado em Antropologia Social). Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UNICAMP, 2013.

TEIXEIRA, Wilza. Ações de conservação e preservação da memória no contexto digital. Transinformação, v. 14, n. 2, 2002.

